PLAYBOY

MULHER:

- PLAYBOY APRESENTA A ESPETACULAR MONIQUE, A PLAYMATE DO ANO!
- AS GAROTAS MAIS SENSUAIS QUE OS LEITORES FOTOGRAFARAM
- TODA A NUDEZ DA ESTRELA ROSSANA GHESSA

O HORÓSCOPO DO SEXO: APRENDA A EXCITAR AS MULHERES DE ACORDO COM OS SIGNOS

ENTREVISTA BOMBA: LULA, O METALÚRGICO

GRÁTIS: O NOVO GUIA DOS MELHORES MOTÉIS DO BRASIL

EDITORA ABRIL
N.º 48 JULHO 1979
Cr$ 50,00

0564 — Manaus, Santarém, Boa Vista, Macapá, Altamira, Porto Velho, Jiparaná e Rio Branco (VIA AÉREA): Cr$ 65,00 — Portugal: ESC 80$00

PLAYBOY ENTREVISTA

LULA

Uma conversa franca, divertida e séria, sobre mulheres, ideologia, sexo, greves, boêmia e política, com o mais famoso líder sindical brasileiro

Se o Super-Homem vier a São Paulo — escreveu o humorista Luís Fernando Veríssimo — só terá interesse em conhecer uma pessoa: Lula. Afinal, ele é "O Herói da Classe Trabalhadora", segundo a revista americana Newsweek, *que deu esse título a um artigo de página inteira sobre Lula, publicado em sua edição de 30 de abril último. Por sua vez, o jornal francês* Matin, *de 23 de abril, também em artigo de página inteira, comparou a fama de Lula à de Pelé.*

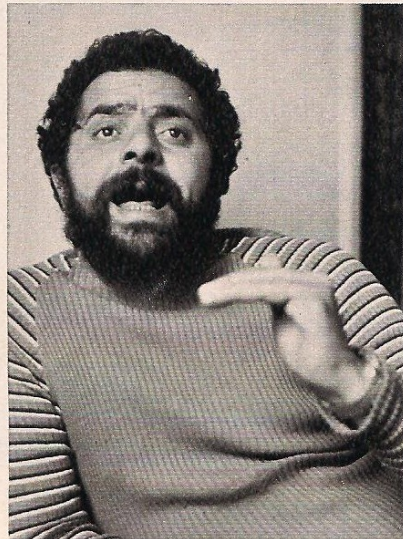
O fato é que Luís Inácio da Silva, o Lula, tornou-se mais conhecido no país e no exterior do que muitos políticos ou artistas brasileiros — fama ainda mais inusitada por se tratar de um líder sindical e não de um jogador de futebol. Essa fama, porém, só começou há pouco mais de um ano, quando os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, em São Paulo, entraram em greve liderados por ele, exigindo reposição salarial. Era o primeiro movimento desse tipo desde 1968, e, por isso, segundo alguns analistas, um dos acontecimentos políticos e sociais mais importantes dos últimos quinze anos no Brasil.

Em março deste ano, quando os metalúrgicos deflagraram nova greve, desta vez por reajustes superiores aos índices oficiais, o governo decidiu intervir nos sindicatos e cassar os seus dirigentes. Lula entre eles. Mas, nas negociações para conseguir que os trabalhadores voltassem às fábricas e para tentar um acordo com eles, foi com Lula e os outros dirigentes sindicais cassados que os empresários e o próprio governo dialogaram.

Hoje, todos conhecem Lula e reconhecem o seu carisma. O que faltava revelar, sobre ele, era a sua face mais humana, o seu jeito de ser — longe das assembléias e das lutas sindicais — quando pode se espichar, descalço e de bermudas, no sofá da sala de sua pequena mas bem cuidada casa, no Jardim Lavínia, em São Bernardo do Campo, e rir descontraidamente ao relembrar um caso engraçado, sem escolher palavras e sem demonstrar qualquer preocupação em polir sua imagem de líder.

Na boca desse Lula descontraído os palavrões são tão freqüentes quanto as tragadas dos cigarros que fuma — um atrás do outro. Seu tom de voz só se torna mais grave quando o assunto resvala para questões gerais e de sua classe. Aí então ela se eleva, áspera e forte, num discurso coerente e bem articulado. Essa mudança, durante as muitas horas de entrevista — gravada em três sessões, em dias diferentes — que o jornalista Josué Machado fez com ele para PLAYBOY, *ocorria também quando Lula, em meio a uma resposta descompromissada sobre tema mais leve (como, por exemplo, cinema e música popular), parecia lembrar-se, de repente, de seus deveres como líder de massas.*

FOTOS/LUIGI MAMPRIN

"No meu tempo de menino a sacanagem era muito maior do que hoje. Um moleque naquele tempo, com 10, 12 anos, já tinha experiência sexual com animais. O mundo era mais livre."

"Eu fico muito satisfeito quando um empresário me chama de filho da puta . . . Isso é um sinal de que a gente está fazendo alguma coisa pelos trabalhadores . . ."

"No começo eu era muito inibido. No dia da posse do sindicato dei uma entrevista para TV: fiquei nervoso de não parar em pé. Hoje, falo de qualquer assunto com qualquer público."

Mas logo Lula recuperava o tom de bom humor — e até de irreverência — com que iniciou e pontilhou toda essa longa e reveladora conversa.

Nas paredes da sala, pequenos quadros: um com a letra do hino do Coríntians e outros com desenhos mostrando o Lula e suas frases mais famosas, feitos por um operário, Mauro Tiole. Numa estante com várias divisões, um televisor em cores, livros (Diário da Cia, Os Dez Dias que Abalaram o Mundo, Esta Noite, a Liberdade, Arquipélago Gulag *e alguns volumes da coleção* Obras-Primas da Literatura), *garrafas de vinho chileno que ele recebeu de presente (diz que prefere uma boa pinga) e brinquedos dos filhos: Marcos, 8 anos; Fábio, 4; e Sandro, 8 meses. A mulher, Marisa, 29 anos, e a sogra, dona Regina, estão nos fundos da casa, preparando o almoço. Fábio aparece correndo, pula no colo do pai e começa a puxar-lhe a barba. Lula grita para a mulher: "Marisa! Tira este diabo daqui!" Marisa aparece, enxugando as mãos num pano de pratos. Recolhe Fábio, todos riem. E a entrevista começa.*

PLAYBOY — Lula, que tal posar nu para PLAYBOY?

LULA [*rindo*] — Quando você falou comigo sobre a entrevista, eu cheguei pro Djalma* e disse: "Vou posar pelado pra PLAYBOY". E o Djalma, puto da vida: "Nem fodendo, nem fodendo". Aí eu agüentei sério e comecei a explicar: "Pô, Djalma, que é isso? Não é o sindicato que vai posar pelado. Sou eu, o Lula. Isso não tem nada com o sindicato. Eu quero, vou ganhar um dinheiro, sabe? Dizem que as mulheres estão querendo saber como é o metalúrgico, querem saber se ele tem pinto de ferro ou não tem". O Djalma não quis saber: "Não, nem fodendo. Espera aí que nós vamos fazer uma reunião da diretoria. Você tem que se preservar, não pode ficar entrando nessas, não!" Djalma acreditou, rapaz! [*pausa*] Quer ver a Marisa ficar uma vara também? [*grita para a cozinha*]: "Marisa, vem cá! O quarto tá arrumado?"

MARISA [*chegando*] — Está.

LULA [*sério*] — Eu vou tirar umas fotos pelado.

MARISA [*rindo*] — Magina!

LULA — São poucas fotos...

MARISA [*rindo, ainda meio incrédula*] — Ah, não inventa, vai, Lula. É tão ridículo!

LULA — Vai, mulher, está com ciúme de mim! Vai, não precisa ficar vermelha! Arruma lá a cama que eu preciso posar pelado, vai.

MARISA — Você não tem vergonha, Lula?

LULA [*sério*] — Eu não.

MARISA [*em dúvida*] — Você teria coragem?! Eu não teria...

LULA [*empurrando Marisa*] — Vamos lá, prepara aquela colcha de pele que eu vou me esparramar lá.

MARISA [*protestando*] — Não, não. Um homem pai de família... Depois vão falar mal de você, vão dizer que você virou um bunda mole...

LULA — Mas, bem, eu prometi. A revista está querendo. Vai, põe a colcha de pele. Eu dou uma colherzinha de chá pra você sair do meu lado...

MARISA [*rindo, meio nervosa*] — De jeito nenhum. E agora também não vou arrumar nada.

> *"Vim para São Paulo de pau-de-arara, viajando como gado e dormindo ao relento. A comida era farinha e rapadura"*

LULA [*rindo descontraído*] — É brincadeira, bem. O Djalma também acreditou. Você acreditou?

MARISA [*rindo, aliviada*] — Eu não!

PLAYBOY — Lula, vamos então despir você em sentido figurado: mostrar ao leitor o *homem* Lula, que ainda é muito pouco conhecido. Para começar, fale de sua vida, de sua infância, de sua família.

LULA — Nasci em Garanhuns, Pernambuco, no dia 27 de outubro de 1945, mas sou registrado como de 6 de outubro. No ano em que eu nasci, meu pai veio embora para Santos. Foi trabalhar no IBC, carregando sacos de café. Lá ele arranjou outra mulher, uma prima da minha mãe, mas mandava dinheiro para casa. E minha mãe não sabia de nada. Eu tinha 3 anos ou 4 anos quando ele foi visitar a gente em Pernambuco e trouxe meu irmão mais velho, Chico, para São Paulo. Daqui, meu irmão escreveu, chamando minha mãe, fingindo que era o pai. Pegamos um pau-de-arara, viajamos treze dias como gado e chegamos. Pau-de-arara é um caminhão com bancos de madeira na carroçaria, sabe? Não é aquele negócio que eles usam por aqui para fazer perguntas pra gente, não. Me lembro até hoje da viagem: criança melecando tudo pelo meio, a gente dormindo no caminhão ou na estrada, em qualquer lugar. Uma noite a gente estava dormindo ao relento e acordou com uma puta chuva pela cabeça. E a comida era farinha, queijo e rapadura. Eu vim com uma camiseta só, sem trocar desde lá.

PLAYBOY — Seu pai se assustou com a chegada de vocês?

LULA — Foi uma merda. Ele tava lá com a outra e mais cinco filhos dela. Depois de alguma confusão, meu pai arranjou uma casa para nós e ficava três dias numa e três dias na outra, com a segunda mulher. Logo todos começamos a trabalhar, a nos virar. Eu vendia tapioca e laranja. Mais tarde, os maiores vieram para São Paulo, conseguiram emprego e foram buscar minha mãe. Eu e meu irmão mais velho ficamos com meu pai. Meses depois minha mãe mandou buscar a gente pra morar no fundo de um bar, perto de um banheiro fedorento. Éramos dez num quarto e cozinha no bairro do Ipiranga. Meu primo também morava com a gente. Depois todos casaram. Agora minha mãe mora com minha irmã, em São Bernardo. Meu pai morreu no ano passado.

PLAYBOY — E você estudou?

LULA — Fiz o curso primário e, quando já trabalhava numa fábrica, aprendi a profissão de torneiro mecânico no Senai. Em 1973, quando já era secretário do sindicato, fiz o curso de madureza. Então parei de estudar, porque no madureza a gente aprende muito pouco. Aprende é a fazer cruzinha. A vida tem me ensinado muito mais. Mas se um dia eu tiver tempo talvez possa estudar alguma coisa.

PLAYBOY — E a sua infância foi boa?

LULA — Minha infância foi muito boa. Miserável e muito boa. A gente tinha uma puta liberdade. Por mais pobre que a gente fosse, era bom. A gente vivia no meio da natureza. Lá em Santos, era lagoa pra gente tomar banho, era campo de futebol, era a gente brincando na terra, cavando buraco, fazendo bolinha pra estilingue, sabe? A gente realmente vivia, por mais pobre que fosse, a gente vivia. Andava descalço e não tinha problema de doenças. Essa molecada de hoje tem que andar de sapato, meia, toda

* *Djalma de Souza Bom, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo.*

encapuzada... Naquele tempo não tinha nada disso e a criança vivia melhor. Eu vejo pelos meus filhos, porque hoje eu posso comprar uma bola para eles, eu posso comprar um... sei lá, eu posso comprar para eles muito mais do que minha mãe podia comprar. Ela não podia comprar nada. Eu acho que a molecada de hoje vive bem mais infeliz do que a gente vivia naquele tempo. Eu lembro que eu tinha uns 10 anos e uma calça, uma só, uma calça marrom que um padrinho tinha me dado... Eu ia com essa calça para a escola semanas e semanas. Só tirava para lavar. Mesmo assim eu me sentia feliz... Nem me passava pela cabeça a idéia "eu sou pobre, não tenho nada, não ganho nada". Aquilo era normal, sabe?

PLAYBOY — Você disse que agora em geral os pais podem comprar presentes. Isso não significa progresso?

LULA — É inegável que o país evoluiu. A população se multiplicou. Então é claro que tem muito mais pai podendo comprar as coisas. Mas também tem muito mais pai que não pode. Ganhei meu primeiro presente aos 18 anos, da namorada. Hoje eu posso comprar para os meus filhos. Ganhando 25 mil cruzeiros por mês, estou bem acima da média salarial dos trabalhadores. E neste bloco em que moro acho que todos ganham de 12 a 20 mil por mês. Eles podem comprar umas coisas para os filhos. Mas a molecada vive toda aí no cimento, brincando na calçada, sem poder pôr o pé no chão. Já levanta de manhã com o sapatão no pé. Naquele tempo a gente levantava e já botava o pé na terra. Era bem melhor para a saúde do que andar de sapato o dia inteiro.

PLAYBOY — Quem lhe deu o apelido de Lula?

LULA — Minha mãe. Desde que me entendo por gente me chamam de Lula.

PLAYBOY — Você falou na felicidade da infância. Você é feliz agora?

LULA — Não há motivo, mas sempre me considerei feliz. Mesmo quando fui cassado no sindicato. Se não há motivo para tanta alegria, também não há motivo para a gente ficar se lastimando. Tenho saúde, tenho uma família, tenho condições de trabalhar... Em termos materiais consegui um monte de coisas que qualquer pessoa gostaria de conseguir... Eu fui casado uma vez com uma boa mulher, perdi essa mulher e achava que não ia dar mais certo em casamento. Então encontrei a Marisa...

PLAYBOY — Você teve muitas namoradas?

LULA — Não. Eu era muito tímido, bobinho. Não era de namorar, não tinha tempo, trabalhava muito.

PLAYBOY — Com que idade você teve sua primeira experiência sexual?

LULA — Com 16 anos.

PLAYBOY — Foi com mulher ou com homem?

LULA [*surpreso*] — Que quié isso!? [*risada*] Com mulher, claro! Mas naquele tempo a sacanagem era muito maior do que hoje. Um moleque naquele tempo, com 10, 12 anos, já tinha experiência sexual com animais... A gente fazia muito mais sacanagem do que a molecada faz hoje. O mundo era mais livre...

PLAYBOY — E a mulher que o iniciou, você se lembra?

LULA [*rindo*] — Eu fui numa dessas casas em São Paulo, levado por um amigo. Achei bom pra cacete...

PLAYBOY — Ficou freguês?

"O problema de mulher é você conseguir pegar na mão. Pegou na mão..."

LULA — Não, não. Eu ia só de vez em quando... Só depois que fiquei viúvo é que virei sacana. Aí eu queria sair com mulher todo dia. Endoidei de vez. Viúvo, eu não tinha perspectiva de vida, pensei que não ia casar mais.

PLAYBOY — Você ficou abalado?

LULA — Fiquei. Eu gostava muito da Maria de Lurdes. Vivi com ela só dois anos, de 1969 a 1971. Ela morreu de parto e eu fiquei muito chocado. Perdi a vontade de tudo. Fiquei uns seis meses bem fodido da vida. Então percebi que estava vivo, não estava morto não, porra! Aí comecei a cair na gandaia. Meu Deus do céu, antes de encontrar a Marisa foram três anos de loucura. Eu queria sair com mulher de segunda a domingo.

PLAYBOY — Que colosso...

LULA — Aí, graças a Deus, encontrei a Marisa. Ela ficou viúva no mesmo ano que eu. Eu não queria mais casar com uma virgem. Queria encontrar uma pessoa que tivesse passado pelo mesmo que eu passei.

PLAYBOY — Como é que foi?

LULA — Foi engraçado. Eu saía da casa de uma namorada à meia-noite, a 1 da manhã e pegava um táxi na pracinha de São Bernardo. Era o táxi de um velho. Um dia, não sei por que, contei a ele que eu era viúvo. Então ele me contou que tinha uma nora muito bonita, e que o filho tinha sido assassinado três meses depois do casamento. Ele continuava muito revoltado com a morte do filho e me contou que a nora não ia mais casar. Como eu tinha contado minha história para ele, de vez em quando pegava o táxi e ele desabafava, falava do filho. E às vezes também falava da nora. E eu pensava: "Qualquer dia eu vou papar a nora desse velho..." Nessa época a Marisa apareceu no sindicato. Ela foi procurar um atestado de dependência econômica para internar o irmão. Eu tinha dito ao Luisinho, que trabalhava comigo no sindicato, que me avisasse sempre que aparecesse uma viuvinha bonitinha. Quando a Marisa apareceu, ele foi me chamar.

PLAYBOY — O que você era no sindicato nessa época?

LULA — Primeiro secretário e diretor do Departamento de Previdência. Então comecei a encher o saco dela. E ela não queria nada. Escamosa, sabe? Uns três ou quatro dias depois eu passei a telefonar para ela. Mas só depois descobri que Marisa e a nora do taxista eram a mesma pessoa...

MARISA [*chegando da cozinha*] — Primeiro ele preparou o terreno para depois me conquistar. Mas ele foi muito sem-vergonha, sabe? Num belo domingo apareceu na minha casa sem mais nem menos e foi logo conversando com minha mãe. Cara-de-pau!

LULA — Eu tinha perdido a timidez.

MARISA — O mínimo que eu tinha que fazer era convidá-lo para entrar.

LULA — Mas antes houve alguns episódios. Um dia eu estava conversando com você no portão e apareceu a fera atrás de mim, o outro namorado dela.

PLAYBOY — E daí?

LULA — Ele se mancou.

MARISA — O outro já estava desconfiado. O horário de trabalho dele variava porque ele trabalhava em turma e de vez em quando me pegava na escola onde eu trabalhava. Então ficou sabendo que eu saía com Lula, que de vez em quando me dava carona...

PLAYBOY — Você ficou em dúvida entre os dois?

MARISA — Fiquei em dúvida. Não sabia por quem decidir. Aquele eu conhecia desde criança, era um moço di-

reito, de família. Com o Lula eu simpatizava mais, gostava mais do jeito dele, mas não sabia quem era. Então pedi um tempo para pensar.
LULA [*ironizando*] — O tempo foi cinco minutos...
MARISA — Que nada, levou tempo!
LULA — Levou tanto tempo que em seis meses a gente casou...
PLAYBOY — Lula, o furacão!
MARISA — Um tinha boa intenção, outro intenção ruim. E acabei conquistada pelo que tinha intenção ruim. Mas ele era gamado, viu? Vivia dependurado no telefone [*gargalhada de Lula*]. Eu só fugia, dizia que estava ocupada, que tinha de trabalhar, mas no fim acabava atendendo.
LULA — Charminho dela... O problema de mulher é você conseguir pegar na mão. Pegou na mão...
PLAYBOY — Vocês brigam muito?
LULA — Eu não. Eu não brigo com ninguém. O negócio é o seguinte: se dependesse de mim a gente nunca brigava. A gente briga porque ela reclama que eu chego tarde da noite.
MARISA — Você dá motivo, vai!
PLAYBOY — O único motivo é esse, ele chegar tarde?
MARISA — Chegar tarde, não levar a família para passear, arranjar compromissos no sindicato no fim de semana... Aí a gente quebra o pau...
LULA — Pelo menos no período da greve ela não reclamou. Eu passava o dia fora de casa, dormia no sindicato e mesmo assim ela não achava ruim. Nem podia, né?
MARISA — Eu estou mais compreensiva, mas ele não reconhece isso. Você vê, agüentar a casa cheia de gente quase todo dia não é qualquer mulher que agüenta, não.
PLAYBOY [*depois que Marisa se afasta*] — O Caetano Veloso disse que aprendeu a franzir a testa com o Victor Macture. E você, com quem aprendeu a fazer esse vinco no meio da testa, em cima do nariz, esse olhar vago, perdido na distância com que sai nas fotos. Isso é ensaiado?
LULA — Como assim?
PLAYBOY — Esse seu jeito de "aiatolula tropical"...
LULA — Não, eu não noto isso, não. Quando eu falo com o pessoal costumo falar olhando todo o espaço na frente para sentir a reação do povo.
PLAYBOY — Sua barba profética significa alguma coisa especial?
LULA — Não. Vontade de deixar crescer. Começou em janeiro deste ano. O gozado é que até os 26 anos eu quase não tinha barba. Depois apareceu um bigode e no fim eu queria ver como ficava. A Marisa não queria, mas agora acho que não posso mais tirar. Todo mundo já se acostumou comigo assim.
PLAYBOY — As mulheres gostam?
LULA — Ah, não sei...
PLAYBOY — Não se faça de inocente. Você é o rei do sindicato e elas não caem em cima de você?
LULA — Não, não caem. Se caírem, eu não percebo [*pausa*]. Tem uma coisa: na minha situação, na minha posição, eu tenho que tomar cuidado. Tenho de abrir mão de muita coisa. Então eu não faria nenhuma bobagem que me comprometesse.
PLAYBOY — O que você acha do movimento feminista?
LULA [*hesita*] — Eu respeito as mulheres que pretendem lutar por sua independência... Mas não sei que tipo de independência elas querem... Se é sexual, se é no trabalho... Eu gosto quando alguém se dispõe a fazer alguma coisa. Errado ou certo, a gente só vai saber quando a pessoa concluir aquilo que se dispôs a fazer.
PLAYBOY — Marisa é feminista?
LULA — Não. Não há condições para uma dona-de-casa, mãe de três filhos, ser feminista.
MARISA [*vindo da cozinha*] — Marido pode, mas a mulher...
PLAYBOY — O Lula é machão?
MARISA — Só na rua; aqui não...
PLAYBOY — Epa! Como assim? [*Lula e Marisa riem.*]
PLAYBOY — Voltando à sua intimidade, a tensão, o cansaço, o excesso de trabalho não lhe tiram a vontade de fazer sexo?
LULA [*hesitando*] — O problema é o seguinte... Não sei se isso é coisa de a gente falar... [*pausa*] Quando eu chego em casa, 2, 3 horas da manhã, num bagaço filho da puta, pensando que ainda vou ter de levantar às 7, nem penso em sexo.
PLAYBOY — Você se expressa bem, fala com clareza. Você lê?
LULA — Eu leio jornais e converso muito. Aprendendo com o dia-a-dia, em contato com os problemas que a gente enfrenta. Eu ganho muitos livros, mas sou preguiçoso para ler. Quando muito, leio o prefácio, deixo para depois e acabo não lendo.
PLAYBOY — Que jornais prefere?
LULA — Leio todos, mas prefiro a *Folha de S. Paulo*, que dá melhor cobertura para a nossa luta.
PLAYBOY — Como você se diverte? Seu lazer mudou muito desde que você era solteiro?
LULA — Muito. Quando solteiro eu gostava muito de dançar, de jogar pebolim, de tomar minhas cachaças. Depois de viúvo minhas farras eram mais maduras, boêmias. Agora mudou tudo. Quando tinha mais tempo gostava de sair com a família para comer fora, passear por aí, ir a lugares bonitos. Nos tempos de maior movimentação, de greve, é claro que nem isso dá para fazer. Não tem sábado, não tem domingo. E quando tenho uma folga, quero dormir, e a Marisa briga. A culpa é da atividade sindical. Como é que você pode sair do sindicato e vir para casa, largando dez, vinte, trinta trabalhadores que querem conversar, saber coisas? Acho que a função da gente é justamente essa: aturar tudo isso. Porque a gente não tem, como a maioria dos dirigentes sindicais brasileiros acomodados, horário para entrar e para sair. Eu nunca me preocupei em chegar no sindicato às 8 da manhã. Mas também nunca me preocupei com a hora de sair.
PLAYBOY — Você não vai nem ao cinema?
LULA — Eu adorava cinema. Já faz uns três anos que não vou. Não posso ficar pensando na minha satisfação

pessoal se ela for prejudicar o trabalho no sindicato.

PLAYBOY — Sobra tempo para a TV?

LULA — TV sim. Mas só gosto de bangue-bangue e desenho animado.

PLAYBOY — Eles inspiram você?

LULA [*rindo*] — Distração. Tenho o hábito de ligar a televisão. A primeira coisa que eu faço quando entro em casa é apertar o botão da TV. Mesmo que seja de madrugada. É mania. Mesmo que passe filme que não gosto.

PLAYBOY — Quais os seus atores preferidos? John Wayne?

LULA — Sei lá, acho que o pessoal de antigamente era bem melhor que o de hoje. Gary Cooper e os velhos mocinhos que mexeram com a gente quando eu era menino. Marlon Brando, Paul Newman... [*pausa*] Mas acho que a TV deveria mostrar mais filmes nacionais em melhores horários. O governo deveria exigir que as emissoras de TV passassem filmes nacionais nos horários nobres. Era um jeito de a gente se encontrar com a nossa cultura.

PLAYBOY — E música? Qual é o gênero que você prefere?

LULA — Qualquer um. Mas prefiro curtir os cantores de antigamente: Orlando Silva, Nélson Gonçalves, Ângela Maria, Ataulfo Alves, Jamelão, Sílvio Caldas, Elisete Cardoso. Do pessoal novo, o Chico Buarque.

PLAYBOY — E Caetano e Gil?

LULA — Ah, eu não gosto, não. Não é o tipo de música que me agrada. Mas acho que a música que eles fazem ajudou a modificar alguma coisa.

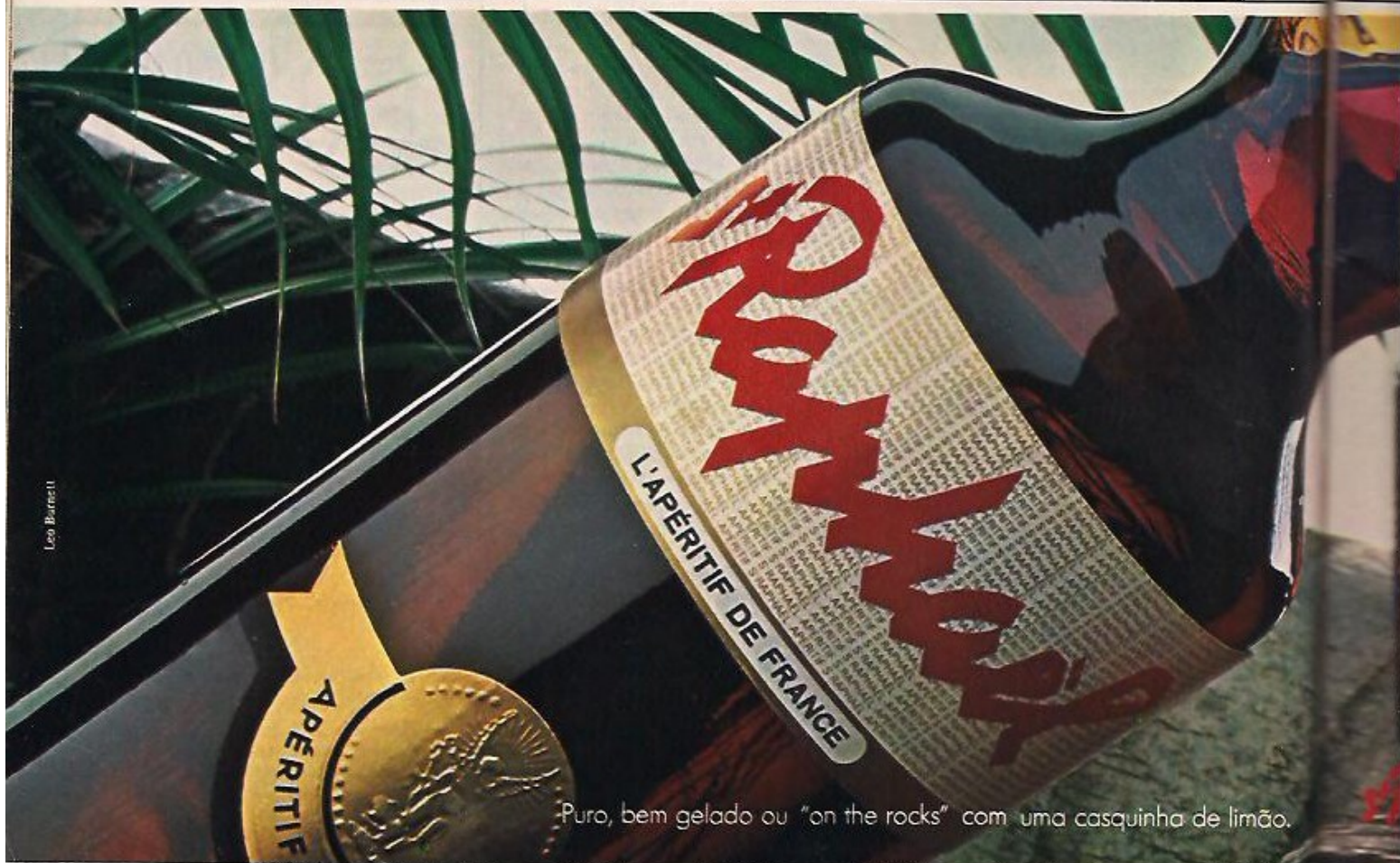
"Caetano e Gil eu não perco tempo ouvindo. Ainda prefiro o Nélson Gonçalves"

Mexe muito com o pessoal mais jovem. Só que eu não perco tempo ouvindo... [*pausa sorridente*] Mas eles têm algumas músicas maravilhosas. Ah, gosto também da Elis e da Beth Carvalho.

PLAYBOY — E do Roberto Carlos?

LULA — Teve um tempo que eu gostava. Em 65, 66, 67... Agora não perco mais tempo. O tipo de música que ele faz é um negócio muito pequeno para o mundo que a gente vive hoje. E tem mais: as propagandas oficiais que esse pessoal ajuda a fazer... Não é só o Roberto Carlos. Ele e alguns outros por aí, algumas pessoas que poderiam influir no comportamento do povo...

PLAYBOY — Que outros?

LULA [*enfático*] — O próprio Pelé deveria ter um posicionamento político, porque pessoas como ele poderiam contribuir para mudar o comportamento do povo... Veja o Roberto Carlos. Promoveu o Ano Internacional da Criança, ajudou a TV Globo a arrecadar dinheiro para fazer a promoção de algumas pessoas, quando a gente sabe que o Brasil tem 25 milhões de menores abandonados, passando fome, e que não é a arrecadação de fundos que vai resolver o problema da criança abandonada. Quando muito, vai ajudar uma ou outra instituição. Todo mundo sabe que o menor abandonado é resultado de erros de estrutura, de baixos salários, do alto grau de miserabilidade do povo. Esse problema seria resolvido com melhores empregos, bons salários. Aí acaba esse negócio de criança abandonada. Porque ninguém abandona criança porque quer, ninguém deixa

um filho ser trombadinha porque quer. Só se deixa quando não se tem condições de evitar. Por essas coisas é que Roberto Carlos, Pelé e outros deveriam se posicionar politicamente diante dos grandes problemas nacionais. Eles deveriam seguir o exemplo de alguns artistas europeus e americanos. Veja o Marlon Brando no caso do índio americano. O governo erra e eles tomam posições contrárias. Nos Estados Unidos, por exemplo, os jogadores de futebol entraram em greve pelo reconhecimento do sindicato de classe deles. E aqui em São Paulo, quando a gente está em greve, com a polícia descendo o pau, os presidentes de sindicatos de futebol resolvem fazer jogos promocionais com o governo, sem nenhuma preocupação política. Um negócio da maior falta de visão. Eles fizeram festa quando o momento era de reflexão.

PLAYBOY — Você falou na Globo. Algum problema com ela?

LULA — O grande problema da TV brasileira não é a Globo. A gente fala em Globo como eu falo em Volkswagen quando falo em fábrica. Porque a Globo é a que tem mais audiência. O problema não é de uma estação, é do sistema, é da televisão brasileira, que tem uma programação imperfeita, que pouco tem a ver com o país.

PLAYBOY — Passemos da TV para o futebol. Você tem um quadro com o hino do Coríntians na parede. É um sofredor?

LULA — É. Eu sou corintiano, mas não tenho mais tempo para me preocupar com futebol. Quando moleque, eu era fanático, quase não perdia jogo do Coríntians.

PLAYBOY — Atualmente, quais são os seus maiores prazeres?

LULA [*riso e pausa*] — Meus maiores prazeres... fora os prazeres íntimos de um homem [*ri*] ... eu acho que um dos meus grandes prazeres é estar falando com os trabalhadores, participar de assembléias. Eu me sinto bem discutindo os problemas dos trabalhadores. Então meu maior prazer é saber que estou sendo útil à minha classe... Fora isso não tenho tido tempo para procurar prazer em nada, a não ser no relacionamento com a minha família. Ah, também tenho muitos amigos e gosto muito disso.

PLAYBOY — Você é comilão, gosta de algum prato especial?

LULA — Não. A minha comida é a de todo brasileiro: arroz, feijão e bife.

PLAYBOY — Vocês usaram um salão da matriz de São Bernardo durante a intervenção no sindicato. Você é católico? Praticante?

LULA — Sou católico. Mas não tenho ido muito à igreja... Eu não tenho tempo. Acho que a Igreja deveria cumprir um papel social muito grande, um papel voltado para a defesa dos oprimidos, dos mais carentes. Porque a Igreja como instituição esteve muito ao lado do poder, do poder econômico. No Brasil está mudando, porque pelo menos algumas pessoas da Igreja têm feito muita coisa boa em defesa dos trabalhadores e dos que sofrem por causa do poder econômico.

PLAYBOY — Por que a Igreja está mudando?

LULA — Porque a sociedade também mudou e está exigindo mudanças em todos os setores.

PLAYBOY — Você acredita em Deus?

LULA — Eu acredito em Deus. Acredito num ser superior capaz de dar paz espiritual e tranqüilidade na hora certa... Sei lá, infeliz daquele que não conseguir acreditar em determinadas coisas. Eu acredito.

PLAYBOY — Onde foi que você perdeu o dedo mindinho da mão esquerda?
LULA — Foi numa prensa. Eu tinha feito um parafuso para um cara e tinha que colocar na prensa, na prensadora de metal. E a prensa fechou, benza Deus.
PLAYBOY — O cara pagou só o parafuso ou o dedo também?
LULA — Pagou tudo. Eu recebi 250 contos. Faz dezesseis anos. Acho que perdi esse dedo por descuido do médico. A prensa amassou a metade, então pelo menos um pedaço ele poderia ter aproveitado. Mas achou mais fácil dar anestesia e cortar tudo.
PLAYBOY — Esta casa é sua?
LULA — É. Comprei há quatro anos. Dei 60 mil de entrada e comprei pelo BNH. Eu tinha vendido uma casa na Vila das Mercês, juntado um dinheirinho e agora pago uns Cr$ 2 700,00 por mês. Só que aumenta todo ano. Nunca a gente acaba de pagar. Quando eu comprei, o saldo devedor era de Cr$ 90 mil. Agora já paguei uns quatro anos e estou devendo Cr$ 200 mil [*ri*]. Quanto mais se paga mais aumenta. O BNH foi criado para construir casa para o trabalhador e depois se apoderou do dinheiro do Fundo de Garantia, que era uma coisa exclusivamente para a gente, e está construindo casa para o empregador.
PLAYBOY — O que você ganha dá para pagar as despesas todas?
LULA — Dá, sim, porque nós não temos grandes despesas. Nem podemos ter. Eu, Marisa, os três filhos e a sogra. Só comida e roupa. Sem luxo.
PLAYBOY — Talvez você seja privilegiado porque tem telefone. É difícil conseguir um em São Bernardo? Custa caro?
LULA — Custa caro. Eu paguei 20 mil cruzeiros à vista e já faz algum tempo. Comprei porque com essa vida que eu levo é preciso. Eu viajava e para falar com minha mulher tinha que ligar para a casa de outra pessoa, que vinha dar o recado. Às vezes um diretor do sindicato precisava falar comigo no domingo e não tinha jeito. O telefone para nós é muito importante. Só que agora já está enchendo o saco, porque eu recebo pelo menos cinqüenta telefonemas por dia. Durante a greve e a intervenção foi um negócio. Não tinha hora. Noite e dia. Mas isso é um preço que a gente tem que pagar.
PLAYBOY — O que você acha do salário mínimo?
LULA — Não dá para sustentar trabalhador algum. Eu gostaria é que um ministro desses, da área econômica ou do trabalho, tentasse passar pelo menos um mês com o salário mínimo. Seria muito engraçado . . .
PLAYBOY — Você recebe seu salário do sindicato ou da Villares?
LULA — Eu recebo do sindicato. Acho que é a melhor forma de manter a independência.
PLAYBOY — E durante a intervenção no sindicato?
LULA — Pedi licença na Villares.
PLAYBOY — Remunerada?
LULA — É.
PLAYBOY — Bonzinho o Villares, hein?
LULA — Pra eles é mais vantagem ter a gente fora das fábricas.
PLAYBOY — E os outros diretores? O fundo de greve pagava?
LULA — Não. Todos pediram férias ou licença. Ninguém recebia do fundo. Na verdade, nem temos fundo de greve ainda organizado. O que tivemos foi ajuda de muita gente que mandava roupas, comida e dinheiro.

"Eu gostaria que um desses ministros da área econômica tentasse passar um mês com o salário mínimo . . ."

Mas esse não é o fundo que a gente pretende organizar.
PLAYBOY — Durante a intervenção vocês se reuniram sempre no salão da matriz?
LULA — Em geral lá. Antes de acontecer a intervenção, a gente já sabia que ela viria. Então tiramos tudo do sindicato, os mantimentos, remédios, e levamos para o salão que o padre Hummes ofereceu.
PLAYBOY — Quais foram as lições das greves dos metalúrgicos?
LULA — Com essas duas greves que nós fizemos em onze meses, a classe se uniu mais, surgiram novos líderes e os trabalhadores passaram a se interessar mais pelo seu sindicato. Nós aprendemos que melhor que uma luta só duas lutas. Vencemos: os trabalhadores redescobriram sua força. E pela primeira vez em quinze anos, dirigentes sindicais cassados foram chamados para negociar.
PLAYBOY — Ultimamente tem havido muitas manifestações de descontentamento de grupos assalariados. Todos estão desafiando a lei, sempre alegando que ela não é legítima. Você acha que isso começou com o movimento dos metalúrgicos?
LULA — Seria injustiça não reconhecer que tudo começou com os metalúrgicos. Eles promoveram a abertura do movimento sindical. Mas o problema é bem mais sério. Todos estão ganhando menos do que deviam ganhar. A incompetência do governo, desse grupo que está governando, fez com que a proletarização tomasse conta de todos os setores assalariados. Então é claro que tem que haver essas manifestações.
PLAYBOY — Durante a greve de 78 você procurou o general Dilermando Monteiro, que era então comandante do II Exército. Por quê?
LULA — Porque havia muitos boatos sobre o que ia acontecer, pressões, os patrões mentindo para a imprensa, denunciando coisas que não aconteciam. Como eu sabia que eles haviam procurado o general Dilermando para dizer que os trabalhadores estavam fazendo subversão, achei bom ir expor a ele a nossa versão.
PLAYBOY — Ele aceitou bem as suas explicações?
LULA — Achei muito legal a posição do general Dilermando naquela época. Ele disse que, enquanto fosse comandante do II Exército e enquanto dependesse dele, trabalhador não ia tomar pau.
PLAYBOY — Na greve deste ano, a polícia aparentemente tinha ordem para proteger você. Você sabia disso?
LULA — Não. O que eu ouvi falar é que havia ordens para que não agredissem os trabalhadores. Mas houve agressão.
PLAYBOY — Ossos do ofício . . .
LULA — Mas até que o policiamento como um todo não foi dos piores. Um ou outro é que exagerou.
PLAYBOY — Uma das coisas que você disse durante as greves e que marcaram muito foi que a melhor maneira de os estudantes ajudarem os trabalhadores era ficando nas universidades. Por quê?
LULA — Eu acho que nas lutas específicas dos trabalhadores, estudantes não têm que se meter. Agora, numa luta de nível nacional por uma Assembléia Constituinte, pela anistia, defesa do petróleo, da Amazônia, coisas assim, todos nós podemos estar juntos: estudante, intelectual, trabalhador, todo mundo. Nas na hora de reivindicar salário, melhores condi-

ções de trabalho, estudante deve mesmo ficar na faculdade e não vir encher o saco dos trabalhadores. Como eu acho que, na luta dos estudantes, trabalhador não tem que encher o saco.

PLAYBOY — Algumas pessoas disseram que a Igreja estava ajudando a agitar o movimento sindical. Outras, que o movimento sindical no ABC está sendo influenciado pela Convergência Socialista.

LULA — Esse pessoal não sabe o que está falando. O movimento grevista se deve ao baixo salário dos trabalhadores, às péssimas condições de trabalho. Querer jogar a culpa de uma greve de 100 mil, 200 mil trabalhadores em cima de meia dúzia de caras que, pelo menos em São Bernardo, não apitam bulhufas, deve ser brincadeira.

PLAYBOY — E a alegação do governo e dos empresários de que com liberdade para a greve os assalariados poderiam exigir sempre mais?

LULA — Sem greve, os banqueiros conseguem exigir sempre mais, os fabricantes de veículos, os fabricantes de autopeças, os grandes latifundiários conseguem exigir sempre mais. Por que nós, trabalhadores, não teríamos direito de exigir? Um ou dois meses atrás, uma fábrica de óleo de cozinha segurou a produção para conseguir aumento de preços, e eu não ouvi o governo falar em intervir na fábrica ou no sindicato da fábrica de óleo. Uma empresa multinacional escondeu o leite para aumentar o preço, e o governo não tomou nenhuma posição, porque está totalmente comprometido com o poder econômico.

PLAYBOY — Na discussão de uma possível nova fórmula de reajuste salarial, os empresários preferem que se use a rentabilidade das empresas e não a produtividade. Por quê?

LULA — Acho que as duas precisam ser consideradas. Todo mundo sabe que existem muitas formas de enganar com relação à rentabilidade. Quer dizer, as empresas têm um balanço para o governo, outro para a imprensa, outro para os acionistas. Eu não ouvi falar de um só empresário que admitisse que já teve lucro. Todos eles, da Volkswagen até as menores, dizem que fecham o ano "em vermelho", com prejuízo. O Brasil é o único país onde os empresários têm prejuízo ano após ano e continuam crescendo a todo vapor. Enquanto isso, eles dizem que nós, trabalhadores, estamos ganhando sempre melhor. Só que, com o mesmo salário, a cada dia que passa a gente compra menos coisas.

PLAYBOY — Quando você se tornou presidente do sindicato?

LULA — No dia 24 de abril de 1975.

PLAYBOY — E o segundo mandato?

LULA — Começou em abril de 78 e vai até abril de 81. Se deixarem, né?

PLAYBOY — Quando terminar seu mandato no sindicato, você pretende voltar ao trabalho, continuar na vida sindical ou entrar para a política?

LULA — Eu não sei o que fazer. A única coisa que aprendi foi ser torneiro mecânico. E mesmo assim acho que já desaprendi, porque estou afastado desde 72 [*pausa, com olhar vago*]. Ainda não sei o que fazer. Eu já tinha decidido abandonar o sindicato em 81, parar um pouco, descansar. Outros companheiros precisam subir. E também não sou fanático por política. Não faz muito meu gênero [*pausa*]. Sinceramente não sei. Acho que vou voltar para o trabalho na fábrica.

PLAYBOY — Carlos Villares, seu ex-patrão, disse que você era um excelente trabalhador e que vai recebê-lo de braços abertos. Mas o sindicato já andou falando que há listas negras com nomes de trabalhadores mais ativos. Se você quisesse voltar a trabalhar, será que não teria dificuldade?

> *"Os estudantes não têm de se meter nas lutas dos trabalhadores. Nas lutas estudantis nós não enchemos o saco"*

LULA — Se eu chegasse na porta de uma empresa para trabalhar, não sei se seria admitido. Eu imagino que eles tenham mesmo listas negras, porque algumas pessoas da nossa categoria têm muita dificuldade de arranjar emprego. Quando o trabalhador chega na firma, enquanto preenche a ficha, alguém telefona para a empresa de onde ele saiu e toma informações. Se o sujeito não era conveniente e falava muito em sindicato, dizem para ele que a vaga já foi preenchida. Mas acho que todas as categorias vivem esse problema.

PLAYBOY — Você costuma pedir que não o chamem de líder sindical, mas de dirigente sindical. Por quê?

LULA — Porque eu ainda não me considero líder.

PLAYBOY — Mas, durante a última greve, quando a multidão carregava você em triunfo, você se sentiu um líder, um comandante querido?

LULA — É. De fato em vários momentos eu me senti como verdadeiro líder. Principalmente quando os trabalhadores me carregaram nas costas, fizeram música para mim... Mas acho que ainda falta muito para eu ser um verdadeiro líder, o cara que esteja encarnado com os trabalhadores e com quem os trabalhadores se encarnem. Mas acho que a gente não está muito longe disso. E foi por isso que aconteceu a intervenção no sindicato. Um governo que em nenhum instante tem condições de assumir a liderança, em que a maioria dos representantes são biônicos — senadores, governadores, prefeitos —, um governo que em quinze anos não conseguiu fazer um líder tem muito medo de um peão que de repente aparece com espírito de liderança. É por isso que muita gente do Poder está rezando para que minha cabeça role.

PLAYBOY — Quando foi que você notou que podia representar bem sua classe?

LULA — Eu sempre achei, porque sempre me identifiquei com ela. Uma coisa são as pessoas que teorizam, que conhecem os trabalhadores através de livros, e outra as que, como eu, conhecem os trabalhadores do dia-a-dia, de dentro da fábrica. É claro que eu tive momentos de inibição e problemas com a falta de experiência. Eu lembro que, quando assumi a presidência do sindicato, nunca tinha falado num microfone.

PLAYBOY — Tremia?

LULA — Não só tremia. A primeira entrevista que eu dei para um canal de televisão foi no dia da minha posse, em 1975. Eu fiquei tão nervoso que quase não parava em pé. Comecei a falar, e as pernas começaram a tremer. No discurso de posse também foi assim. Fiquei com medo de esquecer o que ia falar e pedi, um dia antes, ao advogado do sindicato que me ajudasse a escrever o discurso. Tinha medo de esquecer tudo lá em cima. Mas na hora de ler a folha tremia tanto que parecia que estava ventando a 100 por hora. Então eu pensava: "Será que eu vou representar os trabalhadores com dignidade? Será que eu mereço o cargo que vou ocupar?" Agora eu sei que o tempo é que faz a gente se aperfeiçoar. Hoje eu não me preocupo, não tenho mais receio nenhum de enfrentar qualquer público, discutir qual-

quer assunto. E falo de qualquer coisa que uma porção de gente pode pensar que é só para estudioso discutir. Eu acho que não. Acho que o trabalhador tem que meter o bedelho em tudo, porque tudo repercute em cima da gente. No fim, quem sofre as conseqüências de tudo é a gente mesmo.

PLAYBOY — Há alguma figura de renome que tenha inspirado você? Alguém de agora ou do passado?

LULA [*pensa um pouco*] — Há algumas figuras que eu admiro muito, sem contar o nosso Tiradentes e outros que fizeram muito pela independência do Brasil e pela melhoria das condições do povo brasileiro. Um cara que me emociona muito é o Ghandi. O que ele fez pela Índia atrasada e escravizada só pode ser admirado. O livro que eu li sobre o Ghandi, *Esta Noite, a Liberdade*, me emocionou muito. Ele tinha uma boa vida e não precisava se meter em brigas, mas abandonou tudo para se dedicar a uma causa. Outro que eu admiro muito é o Che Guevara, que se dedicou inteiramente à sua causa. Essa dedicação é o que me faz admirar um homem.

PLAYBOY — A ação e a ideologia?

LULA — Não está em jogo a ideologia, o que ele pensava, mas a atitude, a dedicação. Se todo mundo desse um pouco de si como eles, as coisas não andariam como andam hoje no mundo. Na verdade o mundo é constituído hoje muito mais de covardes do que de pessoas que pensam no próximo, que querem fazer alguma coisa pelo bem-estar coletivo.

PLAYBOY — Alguém mais que você admira?

LULA [*pausa, olhando as paredes*] — O Mao Tse-tung também lutou por aquilo que achava certo, lutou para transformar alguma coisa...

PLAYBOY — Diga mais...

LULA — Por exemplo, o Hitler, mesmo errado, tinha aquilo que eu admiro num homem, o fogo de se propor a fazer alguma coisa e tentar fazer...

PLAYBOY — Quer dizer que você admira o Adolfo?

LULA [*enfático*] — Não, não. O que eu admiro é a disposição, a força, a dedicação. É diferente de admirar as idéias dele, a ideologia dele.

PLAYBOY — E entre os vivos?

LULA [*pensando*] — O Fidel Castro, que também se dedicou a uma causa e lutou contra tudo.

PLAYBOY — Mais.

LULA — Khomeini. Eu não conheço muito a coisa sobre o Irã, mas a força que o Khomeini mostrou, a determinação de acabar com aquele regime do Xá foi um negócio sério.

PLAYBOY — As pessoas que você disse que admira derrubaram ou ajudaram a derrubar governos. Mera coincidência?

LULA [*rápido*] — Não, não é coincidência, não. É que todos eles estavam ao lado dos menos favorecidos.

PLAYBOY — Mas há algumas diferenças entre eles. O Ghandi, por exemplo, empregava a resistência passiva. Você é a favor da resistência passiva para mudar o que acha errado?

LULA — A gente nunca deve provocar a agressividade; a gente só deve reagir se for preciso. Também não tem aquela de dar a cara pro nego dar tapa e depois oferecer o outro lado. A gente deve empregar métodos pacíficos, enquanto o adversário não abusar da nossa paciência. Não sei se o método pacífico conseguiria transformar a sociedade. Acho que a gente deve brigar de acordo com os métodos do adversário. Sou a favor da paz enquanto houver chance de conseguir alguma coisa pacificamente.

> *"Não é justo o Khomeini tomar o poder e matar os que são contra. A gente tem de conviver com quem pensa diferente"*

PLAYBOY — No novo Irã já foram mortas centenas de pessoas. Isso não abala sua admiração pelo Khomeini?

LULA — É um grande erro... [*pausa*] Em toda transformação de sociedade o grande erro na briga pelo poder é exatamente esse. Um grupo sobe ao poder e começa a matar o outro, que antes o oprimia. Ninguém pode ter a pretensão de governar sem oposição. E ninguém tem o direito de matar ninguém. Nós precisamos aprender a conviver com quem é contra a gente, com quem quer derrubar a gente. Não é justo o Khomeini tomar o poder, ser aplaudido, admirado e depois começar a matar os caras que são contra ele. Então ele teria que admitir como natural que o Xá matasse os adversários. Acho que o importante é fazer a coisa de forma que não sobre argumento pra ninguém ser contra.

PLAYBOY — Isso é meio difícil, não?

LULA — É difícil. Talvez seja impossível, mas a gente tem de conviver com a gente que pensa diferente, que é contra. Não concordo com esse negócio de que quem for contra morre. É preciso fazer alguma coisa para ganhar mais adeptos; não se preocupar com a minoria descontente, mas se importar com a maioria dos contentes. Então um cara que conseguiu fazer uma revolução, que conseguiu reunir 90% do povo do lado dele, não deveria ficar preocupado em matar duzentos, trezentos caras. Vamos supor que a coisa mudasse de uma hora para outra, que eu fosse secretário da Segurança ou comandante do II Exército. Acho que não seria justo eu mandar torturar ou matar, por exemplo, o cara que bateu em meu irmão* na prisão. Se eu fizesse isso, estaria contribuindo para que houvesse tortura cada vez que mudasse alguém no poder. É claro que o ideal seria que a gente vivesse num estado de direito, onde a justiça fosse respeitada. Mas eu não partiria para a vingança. Não partiria mesmo. Acho que não é o melhor caminho...

PLAYBOY — Entre os líderes que você admira, pelo visto não há nenhum brasileiro...

LULA [*pensa alguns segundos e ri*] — Aqui no Brasil é difícil achar alguém para admirar... [*pausa*]

PLAYBOY — Faça um esforço.

LULA [*longa pausa*] — Atualmente tá ruim pra cacete [*pausa*].

PLAYBOY — Força!

LULA [*mais pausa, olha ao redor, coça a barba*] — Quem a gente poderia admirar no Brasil?... Meu Deus do céu, tá muito ruim...

PLAYBOY — O Maluf, talvez?

LULA — Ah, pô, não brinca. Vamos conversar sério [*pausa*]. Acho que a gente pode falar em gente expressiva como Dom Paulo Evaristo, Dom Hélder... Porque, por Deus do céu, eu não conheço ninguém... O que há de melhor são alguns dirigentes sindicais fazendo alguma coisa por suas categorias. Em relação à classe política, está difícil pra cacete [*pausa*]. Só se você quiser colocar o Chagas Freitas [*gargalha*]. O povo brasileiro é um povo sem líderes.

PLAYBOY — Vai desistir ou vai continuar tentando?

---

* *José Ferreira da Silva, ex-vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul, conhecido pelo apelido de "Frei Chico".*

continua na pág. 112

Continuação da pág. 42

LULA — Não, peraí, me ajuda a achar um líder brasileiro, pô?

PLAYBOY — Pense bem, talvez algum líder embutido...

LULA [*rindo*] — Só se for um líder muito secreto, que a gente não consiga ver... [*conformado, depois de longa pausa*] É, acho que não há líderes por aqui...

PLAYBOY — Nem no MDB?

LULA — Que MDB, pô!

PLAYBOY — O que você acha de Arena e MDB?

LULA — Acho que Arena e MDB são duas coisas criadas para dar sustentação ao governo: um brincando de ser contra e outro brincando de ser a favor. No fim, os dois têm os mesmos interesses. Veja, por exemplo, em nossa greve. Sabe que nenhum dos dois partidos se manifestou? Como se não estivesse acontecendo nada... Nos grandes momentos brasileiros os dois partidos se omitem.

PLAYBOY — Você já foi convidado para entrar para um deles?

LULA — No começo algumas pessoas da Arena me perguntaram por que eu não me filiava. Mas como é que eu ia entrar para um partido que compactua com tudo o que o governo faz de errado?

PLAYBOY — E o MDB?

LULA — Eles me convidaram para me candidatar a deputado federal. Mas achei que ainda tinha muita coisa a fazer no sindicato. Acho que não dá para fazer bem as duas coisas. Era uma ou outra. Escolhi o sindicalismo. E enquanto existirem só esses dois partidos não me filio a nenhum.

PLAYBOY — Você não representaria melhor os trabalhadores do que muitos dos bacharéis eleitos?

LULA — Não eu só, mas qualquer um entre milhares de trabalhadores representaria melhor a classe do que muitos que foram eleitos.

PLAYBOY — Está surgindo um PTB. Talvez dois. Você entraria para o PTB?

LULA [*rápido*] — Não, não! Um PTB já é dose pra leão, imagine dois! Um de Ivete Vargas e outro do Brizola. Respeito os dois, mas acho que é muita petulância deles, depois de tanto tempo afastados. Acho que deveriam ver o que vai sair de outros setores que viveram aqui todo o período de maior repressão para se adaptarem às novas condições, às novas exigências da sociedade.

PLAYBOY — Como precisaria ser um partido para representar bem os trabalhadores?

LULA — Esse partido deveria ter compromisso com as bases, ter trabalhadores. É o que a gente está tentando criar. Um partido para todos os que vivem do salário, não só operários, mas de todos os que trabalham.

PLAYBOY — "A gente" quem? Com quem você já conversou sobre esse novo partido?

LULA [*hesita*] — Tem uns companheiros, uns dirigentes sindicais que estão fazendo contatos...

PLAYBOY — Com quem? Você pode falar ou não?

LULA — Fernando Henrique Cardoso, Chico de Oliveira, Jarbas Vasconcelos... Tem várias pessoas. Senadores e deputados mais progressistas do MDB, o pessoal de atitudes mais coerentes... Mas nada definido ainda. Temos de conversar com várias pessoas para reunir um grupo disposto a organizar um partido onde a classe trabalhadora predomine. O operário precisa participar ativamente da organização do partido, não apenas recebendo a coisa de cima para baixo. Precisa participar da organização do programa, dos princípios do partido.

PLAYBOY — E os dirigentes sindicais envolvidos quais são?

LULA — Lembro alguns: Henos Amorina, dos Metalúrgicos de Osasco; Jacó Bitar, do Petróleo de Campinas. Têm outros.

PLAYBOY — Delfim Netto disse que um partido formado por representantes de classe seria fascista.

LULA — Até um cara inteligente pode falar asneira. Isso é uma asneira.

PLAYBOY — O que você acha do desempenho do Delfim Netto?

LULA — Ele foi ruim como ministro da Fazenda e andou sendo criticado pelas coisas que fez.

PLAYBOY — E do ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen?

LULA — Foi ruim no governo Geisel e será pior no governo Figueiredo.

PLAYBOY — Do ministro Murilo Macedo.

LULA [*reticente*] — É cedo para julgar Murilo Macedo. Acho que ele cometeu alguns erros... Não só pela intervenção em São Bernardo... A gente vai precisar de algum tempo para julgar...

PLAYBOY — Mas você já disse que o Murilo Macedo é hábil, inteligente.

LULA — Inteligente e esperto.

PLAYBOY — O que você achou do governo Geisel?

LULA [*pensa um pouco*] — Em termos salariais, inegavelmente foi um governo que abriu umas frestinhas,

permitiu uma pequena recuperação do poder aquisitivo dos trabalhadores. Segundo os estudos do DIEESE*, foi quando a gente teve reajustes mais chegados à taxa da inflação. É claro que isso e certa abertura para a imprensa não se deve propriamente ao Geisel, e sim à pressão que toda a sociedade fez.

PLAYBOY — Fale do general João Baptista Figueiredo.

LULA — Vou ter de falar?...

PLAYBOY — Claro que sim.

LULA — É difícil julgar o João Baptista Figueiredo. O pessoal tem levado pouco a sério o que ele falou até agora, mas acho que é cedo para julgar. Eu teria motivos para falar mal, por causa da intervenção no nosso sindicato, mas é preciso esperar antes de um julgamento.

PLAYBOY — Fale de Brizola e Miguel Arraes.

LULA — Pelo passado deles, merecem todo meu respeito e admiração. Só espero que eles voltem e continuem colaborando para que o país se torne efetivamente independente.

PLAYBOY — A propósito da volta deles, uma das bandeiras da oposição é a anistia "ampla, geral e irrestrita". Você concorda com tudo ou só em parte?

LULA — Concordo com tudo. Mas a oposição está muito ligada a esse problema, com medo de encarar a parte mais concreta da realidade: o problema da fome, da falta de emprego, da seca, das inundações e de muitas outras coisas, como o modelo econômico importado... Acho que falta para a oposição a coragem de brigar por aquilo que é mais importante.

PLAYBOY — O que você acha da mudança de capital proposta pelo governador Paulo Salim Maluf?

LULA — Acho que o Maluf, em vez de se preocupar em mudar a capital, deveria tentar resolver o problema da periferia de São Paulo, deveria procurar humanizar a cidade, aumentar a rede de água e esgotos, acabar com as enchentes... A mudança da capital beneficiaria apenas meia dúzia de privilegiados que iriam morar numa cidade menos poluída, à custa do povo, que continuaria morando em São Paulo, grande do jeito que é, miserável do jeito que é...

PLAYBOY — E o deslocamento do governo pelo interior?

LULA — É uma total falta de responsabilidade do Maluf. Ele gasta verdadeiras fortunas viajando nesse trenzinho da alegria... Ficaria muito mais fácil e barato convidar os prefeitos para virem a São Paulo.

PLAYBOY — Você concorda com a tese de que a inflação é um dos maiores problemas do país?

LULA — Depois de quinze anos de regime autoritário o país se encontra num caos econômico. Isso quer dizer que quem governou foi irresponsável e incapaz. Jogaram tantas vezes a culpa da inflação na classe trabalhadora, em cima dos salários, e agora, depois de quinze anos de arrocho salarial, a inflação continua crescendo como nunca. O governo precisa criar coragem e enfrentar os banqueiros, os especuladores. Isso é o que causa a inflação e não o salário. Porque o salário só é inflacionário quando se sobrepõe à produção. O governo não sabe ou não quer atacar o lugar certo. Outro dia soltou um pacotinho, mas não atacou os banqueiros, que são a causa da inflação. A Volkswagen ganhou no ano passado mais dinheiro no *open market* do que com a produção de carros. Isso é que causa inflação, não os salários.

> *"É difícil julgar o Figueiredo. O pessoal tem levado pouco a sério o que ele falou até agora. É cedo para julgar"*

PLAYBOY — Se você tivesse de escolher entre capitalismo e socialismo para o Brasil, qual escolheria?

LULA [*rindo*] — Mais uma perguntinha pra conseguir minha definição ideológica, né? Não adianta... [*pausa*] O que nós precisamos é fazer com que a sociedade participe da implantação de um regime que considere melhor. Nem capitalista nem comunista. Sei lá... Eu acho que a prática vai demonstrar que existe... quem sabe... alguma coisa a mais que possa melhorar a situação do Brasil...

PLAYBOY — Tem muita gente querendo que você se defina ideologicamente?

LULA — Tem, mas eu jamais fiz isso. Eu tenho que respeitar a categoria que eu represento, tenho que respeitar as ideologias, os pontos de vista que existem na categoria. É claro que eu penso algumas coisas, mas não me interessa revelar. Não convém envolver a categoria em lutas ideológicas.

PLAYBOY — Alguns empresários não têm grandes motivos para estimar você. Um deles, numa reunião, falando em você, perdeu a calma e disse literalmente: "Sabe o que o Lula é? Um grande filho da puta". Você não fica triste sabendo que há gente que não gosta de você?

LULA [*rindo*] — Não. Quando é empresário eu fico até contente. Ficaria chateado se um empresário achasse que eu era um cara maravilhoso, que não fazia mal nenhum a ele. Fico satisfeito quando um empresário me chama de filho da puta. É sinal de que a gente está fazendo alguma coisa pelos trabalhadores da fábrica dele.

PLAYBOY — Entre os empresários, há algum que o impressiona mais por qualquer razão?

LULA — Cada dia que passa eu conheço menos os empresários. Durante a intervenção no sindicato, por qualquer razão eu falei bem do Carlos Villares. No dia seguinte ele mandou embora mais de trezentos trabalhadores, furando o acordo e alegando problemas econômicos. Cada dia que passa eles me decepcionam mais.

PLAYBOY — E o Theobaldo de Nigris, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo?

LULA — Ele representa o setor mais conservador da classe empresarial. Um radical de direita. Há outros mais liberais, como o Cláudio Bardella, o José Mindlin. Mas são liberais apenas para a imprensa, porque nas suas fábricas são tão radicais como qualquer outro. Os empresários nacionais precisam avançar um pouco mais na maneira de ver o relacionamento de capital e trabalho. Precisam entender que os trabalhadores não têm só que sobreviver, mas têm que comer bem para continuarem produzindo e poderem dar até mais lucro para as empresas. Os empresários têm uma visão muito curta, parece que querem tirar tudo o que podem agora, porque têm medo de que depois não dê mais. Eles têm que evoluir, porque a sociedade vai exigir que eles evoluam.

PLAYBOY — Nas suas conversas com empresários, generais, ministros e políticos, você se sentiu à vontade ou tremeu?

LULA — Sempre me senti à vontade, porque o que eu tenho que falar para

---

* *Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, organismo de consulta ligado aos sindicatos.*

essas pessoas falo publicamente. É o que eu falo para os trabalhadores o dia inteiro. Eu não tenho que arrumar palavras, uso a minha linguagem de todo dia, a linguagem do trabalhador.

PLAYBOY — Muita gente implica com o terno de colete que você usou em algumas ocasiões solenes. Você não acha que deveria andar sempre vestido como um operário?

LULA — Ora, todo operário gostaria de andar bem vestido. Se eu pudesse, andaria sempre bem vestido. E andar bem vestido não é usar terno e gravata. É uma calça esporte bem feita, um sapato bom, tecidos de boa qualidade. Só não ando bem vestido porque não posso. Mesmo assim, acho que estou de acordo com a média dos trabalhadores. Mas, numa entrevista na televisão, eu fiquei puto da vida porque uma pessoa que perguntou sobre meu terno de colete parecia entender que trabalhador nunca poderia andar de terno e gravata. A pessoa que fez a pergunta deu a impressão de que nós, operários, deveríamos apenas fazer coisas, para "eles" usarem. Aquilo me deixou puto. Tem ocasião que a gente é obrigado a colocar terno e gravata.

PLAYBOY — Uma dessas ocasiões foi a recepção oferecida em São Paulo, no Hilton Hotel, pelo chanceler alemão Helmut Schmidt. Por que ele convidou você e o que foi que vocês conversaram?

LULA — Havia dirigentes sindicais na comitiva dele. Acho que esses dirigentes é que pediram para o chanceler falar comigo.

PLAYBOY — Mas o convite foi dele ou dos dirigentes sindicais?

LULA — Foi dele. E ele chegou a dizer que gostaria que nós, alguns dirigentes sindicais brasileiros, fôssemos à Alemanha trocar experiências com os trabalhadores de lá.

PLAYBOY — Durante a campanha de vocês, durante a intervenção. Não é um pouco estranho?

LULA — Não. Não acho estranho isso vindo de um governo democrático. É estranho para nós, aqui no Brasil, com sucessivos governos eleitos por vias indiretas.

PLAYBOY — Por que você não aceitou o convite?

LULA — Porque nós estávamos em plena campanha salarial e era mais importante ficar no Brasil, lutando pelas reivindicações dos trabalhadores.

PLAYBOY — Nesse encontro com o chanceler alemão você aproveitou para fazer alguma denúncia?

LULA — Ah, sim. Mas o tempo foi

muito curto. O pouco que eu falei foi sobre as arbitrariedades da Volkswagen do Brasil. O mínimo que a gente espera de uma multinacional é que ela dê aos trabalhadores daqui os mesmos direitos que dá aos de seu país. Foi mais ou menos essa a conversa que tivemos.
PLAYBOY — Ele respondeu?
LULA — Não houve tempo para comentários por causa de outras perguntas e do problema de intérprete. Acho que o assunto se perdeu.
PLAYBOY — Soube que nessa recepção as mulheres de alguns figurões estavam ansiosas para conhecer você. Você notou?
LULA — Não.
PLAYBOY — Nenhuma mulher de figurão quis conhecer você de perto?
LULA — Não... *[pausa]* A única que eu cumprimentei, que me lembro, foi a mulher do Luís Eulálio Bueno Vidigal, presidente do Sindicato das Indústrias de Autopeças.
PLAYBOY — Você já a conhecia?
LULA — Não. Conhecia bem o Eulálio Bueno Vidigal.
PLAYBOY — Admiraram muito você lá? Afinal você era um corpo estranho numa festa desse tipo. Você não notou nada diferente?
LULA — Eu senti algo estranho. Um negócio esquisito. Quando cheguei, achei que tinham me transformado em alguma coisa muito importante. Eu passava e percebia que todos estavam me olhando. Talvez como se eu fosse um monstro. Acho que pensavam: "É esse aí o que faz greves..." Acho que esperavam ver um monstro soltando fogo pelo nariz.
PLAYBOY — Seu trabalho no sindicato impediu que você aceitasse o convite para ir à Alemanha. Mas você já esteve em outros países, como no Japão e nos Estados Unidos.
LULA — Foi numa época mais tranqüila. Fui ao Japão num congresso de trabalhadores da Toyota e na volta fiquei um dia nos Estados Unidos.
PLAYBOY — Você estava no Japão quando seu irmão foi preso em 75, não é?
LULA — Foi. Me telefonaram avisando. Eu estava lá pastando, sem poder comer aquela comida horrível. Então vim embora correndo. Eu pensei: "É melhor ficar preso no Brasil do que solto no Japão, comendo aquilo".
PLAYBOY — Você já disse que a prisão de seu irmão mudou seu comportamento, sua vida. Como?
LULA — Eu ganhei coragem. Antes, acho que eu era meio covarde.
PLAYBOY — Por que seu irmão foi preso?
LULA — Eles queriam que meu irmão confessasse que o apelido Frei Chico era codinome dado por algum movimento subversivo. Foi preciso que os diretores do sindicato assinassem uma declaração garantindo que o apelido tinha sido dado por nós, lá no sindicato. Ele ficou mais de dois meses preso e apanhou muito...
PLAYBOY — Na assembléia geral da Confederação dos Trabalhadores nas Indústrias no Rio, Ari Campista, presidente da CNTI, mandou desligar o microfone quando você e outros dirigentes quiseram falar. Por que ele fez isso?
LULA *[rindo]* — Não é difícil a gente entender por que ele fez isso. É que ele ainda vive a realidade sindical das décadas de 40 e 50 e estranhou muito quando surgiram os líderes sindicais da década de 70. Ele estava acostumado a lidar com esse pessoal que vive nos sindicatos há vinte, trinta anos, gente acomodada. O Ari Campista só provou uma coisa: que ele é um homem de ontem com mentalidade de anteontem; só provou que está morto e não sabe.

"Todo operário, se pudesse, andaria bem vestido. E há ocasiões em que a gente tem de colocar terno e gravata, certo?"

PLAYBOY — Você gosta de frases de efeito, não? Eu já ouvi você falar isso também do Jânio Quadros e do empresário Theobaldo de Nigris.
LULA *[sem se perturbar]* — Eu não tenho culpa de que eles sejam tão parecidos...
PLAYBOY — Há outras frases suas que as pessoas às vezes lembram: "Trabalhador não vaia trabalhador". Tem uma, então, que poderia ser inscrita no seu túmulo, se um dia você morrer, o que eu acho difícil *[risada de Lula]*: "Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta do trabalhador". Você diz essas coisas espontaneamente, no impulso, ou você as decora em casa antes de ir para as assembléias?
LULA — Não diga isso...
PLAYBOY — Outra frase sua: "Se os patrões não atenderem os trabalhadores já, com negociações, serão obrigados a atender mais tarde, Deus sabe como". O que você quis mesmo dizer com estas palavras?
LULA — Que se houver bom senso por parte dos patrões eles terão que reconhecer a participação dos trabalhadores na produtividade, no lucro das empresas. Eles não podem ficar querendo ganhar tudo e os trabalhadores ganhando o mínimo. Porque, se não for assim, a revolta vai crescendo, vai tomando conta do povo... Um dia, sabe, o povo não estará sequer disposto a negociar. Poderá estar disposto a brigas mais sérias.
PLAYBOY — Você hoje é uma personalidade internacional. Isso envaidece você? Você gosta da fama, convive bem com ela? Ou ela lhe traz aborrecimentos?
LULA *[pensando um pouco]* — Não. Eu sinto saudade do tempo em que andava na rua tranqüilo, não era reconhecido pelos outros. Eu tinha mais paz, sabe? Mais tranqüilidade. Hoje acabou tudo isso. Dificilmente eu passo por pessoas que não me reconhecem. As pessoas vêm falar comigo. Durante a campanha salarial, vinham dizer que me apoiavam. Algumas querem pagar na minha mão, outras querem que eu abrace os filhos delas. É claro que isso tira o meu sossego. Como Lula, pai de família, a fama me chateia e atrapalha. Mas ao mesmo tempo, como presidente do sindicato, eu acho isso maravilhoso. Isso significa que o sindicalismo evoluiu no Brasil. Eu nunca imaginei que um dirigente sindical pudesse chegar aonde eu cheguei. Acho que é uma vitória da classe trabalhadora, que hoje é respeitada neste país. Hoje, pelo menos algumas áreas do sindicalismo brasileiro são muito respeitadas. Há alguns anos qual era a visão que a sociedade brasileira tinha do sindicalismo? Ou o dirigente sindical era considerado subversivo, ou corrupto. Hoje mudou essa imagem. Hoje o dirigente sindical é gente, é trabalhador. Acho que eu contribuí para isso. Como dirigente sindical eu me sinto feliz com a fama, porque a classe trabalhadora ganhou com ela. Ninguém mais tem medo de falar em sindicato. Hoje se fala em sindicato tanto em coquetéis da fina-flor da burguesia como em balcão de botequim. É, sem dúvida, uma vitória da classe trabalhadora.